1979

APM

Série: 11.6

Cx:

Doc:

Levadas: Documentos complementares

Uma lição de boas maneiras

1

Newton PRATES

Ficamos sem o nosso querido Teixeirão, e este é um registro de grande tristeza. Na fisionomia intelectual e sentimental de Minas, João Gomes Teixeira era um traço de ternura, um alto e generoso espírito. Mineiro do melhor quilate, amava a terra — a nossa terra — com zelo de namorado. Minas de hoje — e sobretudo a Minas de ontem — estava sempre presente na sua conversa amena. Conhecia episódios antigos, percorria os gratos caminhos de tempos idos, dando especial colorido aos seus comentários esclarecidos e seguros sobre os homens e acontecimentos de ontem e de hoje.

Quando morreu Renato Martins, acentuamos que ele era um dos últimos homens bem educados no Brasil. Pertencia também João Gomes Teixeira a essa nobre estirpe em extinção. A sua convivência era uma lição de boas maneiras. Era um gentleman. Se tivesse nascido na Inglaterra, teria sido um fidalgo da corte da rainha. Deu-lhe a França a comenda da Legião de Honra e foi esta a distinção muito merecida, muito feliz.

Durante vinte e cinco anos, foi ele diretor do Arquivo Público Mineiro. Deu àquela casa de estudos e de cultura alguns dos seus melhores tempos. Em cada coleção de velhos documentos, de livros e jornais antigos do Arquivo, punha ele um bocado de sua bela alma. Fez pesquisas, escreveu livros — e um deles sobre a vida e a obra de João Pinheiro — é um trabalho de grande valor.

Quando o bonde subia ou descia a rua da Bahia, em Belo Horizonte, era sempre um espetáculo agradável para os olhos dos passageiros indiscretos verem por cima do muro de uma casa que ficava à altura de Guajajaras, aquele rapaz troncudo que erguia pesados alteres no quintal. Era Teixeirão nos seus exercícios matinais de ginástica, bom hábito que conservou pela vida afora, garantindo a boa forma do seu corpo de gigante, que não dispensava o seu elegante monóculo.

Num saudoso carnaval dos anos vinte, fez ele sucesso com a sua batina e a sua capa negra de estudante de Coimbra, juntamente com Pedro Nava e Chico Martins, fantasia inspirada nos trajes de rapazes portugueses que tinham vindo da velha universidade da beira do Mondengo, trazendo a Minas as suas guitarras, as suas canções, as suasdanças, a sua alegria.

Morreu solteiro. Ainda jovem, teve ele o seu caso sentimental com bonita moça cujo pai chegou a ministro da República Velha. A moça casou-se com outro, e o nosso Teixeirão não conseguiu esquecê-la. Ficou fiel toda a vida a esse amor sem remédio. Era este um episódio que todos nós, seus companheiros, bem conhecíamos, mas que se evitava recordar porque a sua lembrança entristecia o amigo — e não convinha vê-lo triste.

Foi chefe de gabinete de Júlio de Carvalho na sua passagem pelo governo de Minas, tendo ainda chefiado durante nove anos o gabinete do Secretário da Educação, Cristiano Machado. Deixou nesses postos a marca do brilho do seu espírito, do seu tato, da sua inteligência. Em 1935, 1936, foi o diretor-gerente d'"O Debate", o corajoso jornal oposicionista do nosso Paulo Pinheiro Chagas — jornal que causou muita dor de cabeça ao pobre e apagado governo do Estado daquela época.

O velho Artur Bernardes, que incluía, com razão, João Gomes Teixeira entre os seus melhores e mais qualificados amigos, pôs o seu nome entre os candidatos do falecido P.R.M. à Câmara Federal nas eleições de 14 de outubro de 1934, dia em que nasceu "Folha de Minas". Teixeirão sabia que não tinha nenhuma chance para se eleger deputado, mas aceitou com bomhumor a indicação do seu nome como candidato. Era uma divertida aventura. Divulgados os resultados das eleições, Teixeirão obteve sete votos. Com um largo riso, ele comentou, então, na redação da "Folha de Minas":

— Não estou entendendo, não estou entendendo o resultado das eleições...

Indagamos:

— Não está entendendo por que, homem de Deus?

E ele explicou, rindo sempre:

— Tive sete votos. Um foi o meu. Cinco votos foram de minhas sobrinhas. E o outro, o sétimo? Quem será que teve o mau gosto de votar em mim?

Teixeirão. Ninguém, como ele, teve tão boas amizades entre políticos de grande relevo, nas redações dos jornais, na Academia Brasileira de Letras, na Ordem dos Advogados, no Supremo Tribunal, em toda parte. Todos o queriam e o estimavam.

Foi-se o amigo. Na véspera de sua morte, ele esteve em nossa casa, no Rio, para a visita habitual que era sempre uma alegria. Desta vez trouxe uma simpática sobrinha, filha de José Geraldo Teixeira, outra boa lembrança que ficou. As suas visitas, tão gratas, eram sempre pretexto para dissertações sobre homens e acontecimentos de outros tempos e dos dias que correm. Às vezes, a conversa virava polêmica, quando não coincidiam as opiniões e as datas. Mas tudo em tom muito cordial, porque éramos amigos.

Rio, junho

E. MINAS 07-5-79

22 junho
SEXTA-FEIRA

ENCONTRO LATINO AMERICANO DE DIRIGENTES DE ENTIDADES DE PROPAGANDA

9h – Roberto Duailibi
A CRIATIVIDADE PARA A DÉCADA DE 80

10h – Geraldo Alonso
A IAA E INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA

11h – Aureliano Chaves
Vice-Presidente da República

12h – ALMOÇO

15h – PAINÉIS

ARGENTINA	Pedro Marcet Hugo Zuliani
BRASIL	Hectôr Brenner Celso Piratininga
CHILE	Fernando Silva G
COLÔMBIA	Ponce de Leon
EQUADOR	David Huerta C
MÉXICO	Carlos Puig
PANAMÁ	Tony Fergo Cezar A. Campagnani
PERU	Raul Gamio Eduardo Adiego
URUGUAI	Rafael Gatti
VENEZUELA	Raul Acosta Rubio Carlos Esquerdo

21h – Festival do Filme Publicitário

cretaria Executiva:
90.000

OPAGANDA

NDE DO SUL

2

✝

JOÃO GOMES TEIXEIRA

(MISSA DE 7º DIA)

Profundamente sensibilizados com o falecimento de nosso pranteado e querido amigo JOÃO GOMES TEIXEIRA, vimos convidar para a missa de 7º dia, a ser celebrada em intenção de sua alma, na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, dia 29, terça-feira, às 20 horas: Paulo Pinheiro Chagas, Oswaldo de Melo Campos, José Monteiro de Castro, José Carlos Campos Cristo, Antônio Carlos Vieira Cristo, Paulo Nava, Pedro Sales, Antônio Otaviano de Almeida, Afonso Silviano Brandão, Hilton Rocha, Flávio Neves, Pedro Aguinaldo Fulgêncio, Theodulo Pereira, Tancredo de Almeida Neves, Renato Azeredo, Orlando Vaz Filho, Pio Canedo, Vivaldi Moreira, Edson Moreira, Eugênio Klein Dutra, Francisco Assis de Magalhães Gomes, Levindo Ozanam Coelho, Eduardo Levindo Coelho, Viúva Cristiano Machado, Viúva Aloisio Leite Guimarães, Viúva Carlos Goulart, Sílvio Miraglia, Francisco de Assis Andrade, Alfredo Marques Viana de Goes, Eloy Heraldo de Lima, Geraldo Majella Barreto, Helvécio Arantes, Sebastião Pinheiro Chagas, Lucídio Avelar, Tarquínio J. B. de Oliveira, Henrique Alves de Minas, Antônio Octavio Cintra, Carlos Eugênio Pereira Diniz, Heráclito Mourão de Miranda, Wolmar Olympio Borges, Maria José de Queiroz, Norma de Gois Monteiro, Djalma Pinheiro Chagas Filho, Carlos Vaz de Melo Megale, Edgard da Mata Machado, Aires da Mata Machado, Artur Orlando Diniz de Castro, Antônio Joaquim de Almeida, Acilio Lara Resende, Orlando Moretzsohn e Alberto Valadares.

Diario da Tarde 28-05-79

Estado de Minas 30-05-79

Falecimentos

Dr. João Gomes Teixeira

Faleceu no Rio, onde se encontrava a passeio, o dr. João Gomes Teixeira, advogado, historiador e antigo diretor do Arquivo Público Mineiro. Filho do dr. Leopoldo Cezar Gomes Teixeira e de d. Cecília Emília de Souza Teixeira, naturais de Barbacena. Nascido em Belo Horizonte em 6 de maio de 1902. Curso primário no Grupo "Afonso Penna". Fez seus preparatórios no Colégio Arnaldo e Ginásio Mineiro de Belo Horizonte. Cursou até a 2a. série da Escola de Minas de Ouro Preto, diplomando-se anos depois em Direito na Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. Foi chefe de gabinete do secretário de Educação, Christiano Monteiro Machado; chefe de gabinete do interventor Júlio de Carvalho e diretor do Arquivo Público Mineiro. Condecorado com a Legião de Honra da França. Condecorado com a Medalha da Inconfidência.

São seus irmãos:

Joaquim Roque Teixeira, engenheiro, casado com D. Martha Klein Teixeira, (falecidos), que tiveram os seguintes filhos Ariane Teixeira Klein, falecida, foi casada com o coronel Jofre Mário Klein; Leopoldo Júlio Klein Teixeira, médico, casado com D. Nina Drummond Teixeira; Joaquim Marcelo Klein Teixeira, engenheiro e ex-diretor da Faculdade de Engenharia da UFMG., ca- sado com d. Amarilis Coelho Júnior Teixeira. d. Lucinda Teixeira da Rocha (Maninha), casada com o dr. Mário do Carmo Rocha, banqueiro, (falecido), que tiveram os seguintes filhos: Leopoldo Teixeira Rocha (falecido), comerciante, casado com D. Noeme Almeida Teixeira Rocha; Maria de Lourdes José Bueno, casada com José Pereira Bueno (falecido) industrial; Mário Lúcio Teixeira Rocha, advogado, casado com d. Nilsa Brochado Teixeira Rocha; d. Maura Teixeira Rocha de Souza, casada com o general Roberto de Souza (falecido); Yeda Teixeira Rocha.

D. Maria da Conceição Teixeira Loureiro (Pequenina), casada com o Dr. Waldemar Loureiro, advogado, e ex-tabelião no Rio (falecido), que tiveram os seguintes filhos: Dyone Teixeira Loureiro; Eda Loureiro Bonfioli, casada com Amelio Bonfioli, médico; Evaldo Teixeira Loureiro, médico (falecido), casado com d. Dulce Pamplona Loureiro; d. Lygia Loureiro Pimenta de Melo, casada com Roberto Pimenta de Melo, médiço; Márcio Teixeira Loureiro, advogado e tabelião no Rio de Janeiro, casado com d. Maria Loureiro; Cecília Teixeira Corrêa, casada com Joaquim Pinto Corrêa, comerciante (falecidos), que tiveram os seguintes filhos: Ênio Pinto Corrêa, médico e ex-secretáriode Estado da Saúde, casado com d. Maria do Carmo Trindade Pinto Corrêa; d. Dulce Corrêa Bechelli, casada com Calimério Bechelli, médico; Mário Pinto Corrêa, advogado e tabelião em Belo Horizonte, casado com d. Isaura TAvares Pinto Corrêa; Marina Corrêa Jeha, casada com Fauze Jeha, comerciante; Maria Beatriz da Cunha Pereira, casada com Simão Vianna da Cunha Pereira, advogado, ex-deputado federal; José Geraldo Gomes Teixeira, ex-diretor da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais no Rio de Janeiro (falecido), casado com D. Enoy Vianna Teixeira, que tivera tiveram os seguintes filhos: Vera Lúcia Teixeira Calabria, casada com Francis Calabria, comerciante; Leopoldo Cesar Gomes Teixeira, funcionário do

E. Minas 14-6-794

Teixerronzinho

Antônio Carlos Vieira CHRISTO

Maio devia ser o mês de não morrer ninguém. Maio é poesia. É céu azul. É o frio, a gente se enrolando nos panos e se aquecendo na prosa dos amigos. Quanta recordação tenho eu dos meus maios de rapaz... a gente descendo a rua quieta e comprida para pegar a primeira aula...

Esse maio que passou, não faz muito, teve lá suas ironias: foi triste de céu e de terra, pelo menos para mim, ou melhor, para muitos. Levou-nos um grande amigo — Teixeirão.

João Gomes Teixeira, para quem não sabe, era conhecido assim pelos homens do seu tempo — Teixeirão. Gordo, de uma gordura bem distribuída num corpo atlético, boa altura, cabeça com uns poucos cabelos a desenhar-lhe o perfil intelectual; face arredondada e cheia, olhos miúdos e ariscos, um britânico monóculo num dos cantos do nariz, era, em rapido esboço, a figura do bom amigo.

Não sei quando vi pela primeira vez o nosso Teixeirão. Mas quando o conheci, sabia-o meio misterioso, alguém envolvido em movimentos secretos contra o governo de Vargas. Ligado a Arthur Bernardes, a quem devotava dedicação filial, era dos que agiam e conspiravam contra a ditadura então vigente.

Certa noite, lembro-me bem, Teixeirão vai à nossa casa (casa de meu pai) onde a ação política era grande (mais por amor ao civismo que à política) e se dirige à cozinha. Sob os olhos de meu pai e de um irmão, ambos militares, abre um papel totalmente branco ao calor de uma chama, e eis que de repente surge o texto de uma mensagem ali escrita a limão. Não sei que mensagem era. Sei que os três se debruçaram demoradamente sobre o texto, do qual nunca tomei conhecimento.

De outra feita, vi Teixeirão na imprensa. Não era mais aquele homem se esgueirando noturnamente contra os que usurpavam a liberdade, mas enfrentando-os à luz do sol. Vi-o no "Debate", jornal de oposição, pequeno e pobre, entregue à direção de Paulo Pinheiro Chagas, José Carlos Campos Christo e João Gomes Teixeira.

Contar o que foi o sofrimento e luta vividos nessa época, algum dia alguém poderá contar. Censura era o de menos, porque os três mosqueteiros conseguiam contornar habilmente o censor, que mal escondia, não raras vezes, o seu aplauso a uma ou outra catilinária contra o governo.

Depois, para uns a prisão e para outros o exílio. O pau cantou. Nessa altura, já universitário (porque foram quinze anos de lutas), fui também recolhido às grades em companhia de Teixeirão e Aluísio Guimarães. Foi aí que conheci bem João Gomes Teixeira, um idealista, muito próprio do homem de cultura que ele era.

Viveu entre livros. Cerca de doze mil livros compunham a sua biblioteca, talvez a mais completa do Estado.

Mas, mais do que isso, cultivou a amizade. Foi amigo sincero dos seus livros e da sua roda. Vivo, sarcástico, era um prazer espiritual conviver com ele, ouvir suas "boutades", escutá-lo nas suas recordações dos homens e dos fatos, marcadamente de 30 para cá, que ele conhecia mais do que ninguém.

"Teixerronzinho", chamava-lhe assim Bernanos, o escritor e exilado francês que, como ele, também era um "maquis". Recordou-o, num primor de palavras, Vivaldi Moreira, ao falar, no cemitério, em nome da Academia Mineira de Letras:

Que saudade do nosso Teixeirão!

Momento

“Teixeirão”, luta, sonhos e o Arquivo

José CLEMENTE

Têm sido escritas coisas justas sobre o admirável dr. João Gomes Teixeira, para os parentes e íntimos, “Teixeirão”, pelo corpo hercúleo.

Conhecemo-nos, quando éramos bem moços, entre 1914 e 1918. Eu, Euryalo Canabrava, então estudante de preparatórios, e Teixeira nos encontrávamos quase todas as tardes para deambulação e conversa, ora na casa de Euryalo, filho do ilustrado advogado Elpidio Canabrava, ou nos “cafés”, ou nas esquinas, porque esquina era local, na cidade quieta, para o prosear de longas horas.

Teixeira lendo sempre muito. Tinha com afeto, em tal época, por Albino Forjaz de Sampaio, muito lido no Brasil, encantando a mocidade ledora com a desenvoltura das “Palavras Cínicas” o realismo de “Lisboa Trágica”. Teixeira era lírico, poético, mas não fazia versos. De uma feita, há mais de 50 anos, entendeu de fazer um soneto e leu para nós — eu e Euryalo — o primeiro quarteto. Lembro-me haver na produção, nunca terminada, este verso: “Do obrigatório militar sorteio...”

Poucos como ele conheciam as coisas da política mineira. Predizia desfechos de crises políticas, o que, é claro, não dava sempre certo, porque Teixeira, se valia de silogismos para tirar suas conclusões. Teria de errar bastante, pois a Lógica nunca foi o forte da engraçadíssima política mineira. O teórico político, emboraara a p perspicaz e lúcido, tinha de verificar, pelos desenlaces que falham em política, a perspicácia e a lucidez. Uma vez, tivemos, com espanto, notícia de uma ação bruta do teórico político: foi no episódio da frustrada deposição, por instigação do antigo PRM, do presidente Olegário Maciel. É o tal “18 de agosto”, referência simplificada ao episódio que acabou humoristicamente e jamais foi bem elucidado. O Teixeirão, nada truculento, mas terno e amável, tomou parte no seqüestro do Secretário da Agricultura Ribeiro Junqueira, que foi levado de sua casa, pela madrugada, para o Grande Hotel, onde estavam reunidos os conspiradores do PRM, que acreditavam piamente terem deposto o velho presidente Olegário. Este, porém, continuaria firme como presidente e, ainda acudiria Getúlio na Revolução Paulista de 32 e só iria morrer, sempre como presidente, em fins de 1933, de colapso, na banheira do Palácio da Liberdade.

Foi esse único feito de truculência na vida do amável intelectual da política que era Teixeirão.

Mobilizando sempre seu raciocínio — João Gomes Teixeira foi um admirável e gostosíssimo conversador político, que dava encanto aos ouvintes. O conversador sobre literatura estava sempre informadíssimo sobre as ocorrências e aparecimentos literários. Sua grande cultura não se apresentava em escritos, mas nas palestras.

Tinha amigos e admiradores entre os “grandes” da velha guarda da política, sem distinção de partidos. O grave Arthur Bernardes admirava-o e a ele queria muito bem. Cristiano Machado era seu amigo fraternal. Benedito Valadares gostava muito de ouvi-lo. Alkmim também. Milton Campos era outra amizade fraternal do Teixeira. E Virgílio de Melo Franco tinha dengues especiais para com ele, tanto como o irmão Afonso Arinos, seu amigo permanente. A sua afetividade pelos Melo Franco é antiga. Assim também pelos Machado, desde o tempo do coronel Virgílio, o patriarca da grei magnífica que tem dado figuras ilustres às letras, à ciência e à política. Teixeirão era o melhor amigo e para sempre. Tinha ojeriza à burrice e à petulância humana. Como estas são prolíficas, devemos admitir que no vasto cenário político-literário sobrava gente para sua aversão, nem sempre ocultada, quando certos nomes vinham à baila. Tinha opiniões próprias sobre todos, umas amáveis, outras duras ou irônicas.

Aqueles que não o conheciam intimamente sabiam, entretanto, quando ele passava na rua, que lá ia o “Dr. Teixeira, do Arquivo”.

“Dr. Teixeira — do Arquivo”... E estava bem feita sua ficha, porque ele era, sobretudo, o homem do Arquivo Público Mineiro. Para ele vivia, tornando-o, pelo amor, prolongamento mesmo de sua casa de solteirão inveterado, mas que, segundo a “boca do povo”, tivera várias apaixonadas. Teixeira, homm público, tinha um amor também público: este era pelo Arquivo. Amor agarrado: lá não ficava apenas no horário burocrático. À noite, a luz acesa no velho edifício mostrava estar o diretor lá dentro, em vigília. Lá ele tratava de todas as coisas de seu “trem de vida”. Simbiose autêntica do homem com aquela casa velhíssima, que foi residência de David Campista, depois foi prefeitura e, por fim, o Arquivo.

Teixeirão tinha por sua repartição paixão quente e boas idéias para dar-lhe a melhor feição. Inteligente e culto, sabia a real missão de um Arquivo. Melhorá-lo foi o que ele desejou dezenas de anos. Era, entretanto, intimamente, o amoroso torturado pelo objeto de seu amor. Em vão, chamava a atenção dos governos para o seu queridíssimo Arquivo. Mas não era por eles ouvido. Governos entravam e saiam, não percebendo que Arquivo não consta só de prateleiras para nelas se amontoarem embrulhosde documentos.

Arquivo é entidade viva e não é defunto — o que os governos que se trocavam não sabiam...

Teixeirão, entusiasmado com que o Arquivo possuía, chamava figurões do governo para visitá-lo. Queria que verificassem o que o Arquivo tinha e, portanto, o que deveria ser feito por ele, para que ganhasse expressão cultural militante.

Os governos iam passando... E Teixeirão ficando lá, com seu amor e sua tortura, sempre desatendido. Desatendido era, porém, o Arquivo. Era desatendida a cultura mineira, embora tivesse aquela fonte de história à vista, mas não de forma a ser aproveitada como deveria ser, pois lá dentro, para angústia do diretor, faltava o que não poderia faltar. Ele sabia o que faltava e indicava o que era preciso fazer. Mas não faziam. A desatenção se assinalava na falta de verbas para material adequado e moderno que os Arquivos devem possuir, para atender aquelas que os procuram. Sempre reclamou entre a deficiência de pessoal para distribuição pelas diversas funções exigidas por um Arquivo como o de Minas. Nada lha davam... Ratinhavam no dar ou não davam mesmo. Aperturas orçamentárias eram invocadas. E no Arquivo, sem pessoal prestante para cada função, era comum funcionário altamente qualificado fazer serviço de contínuo, como também contínuo fazer tarefa de funcionários qualificado. É que havia muita boa vontade do pouco pessoal que lá se mexia. A casa era pequena, irrisória em dimensão, para conter o que o Arquivo tinha em documentos e o mais que para lá é levado, em virtude de lei.

Teixeirão dormia apavorado, temendo que aquele prédio velho pegasse fogo. Pedia a Deus para que tal fatalidade não ocorresse, com um curto-circuito ou ponta acesa de cigarro de algum cor[illegible]lente. Conseguiu vigilância de bombeiros, para evitar tal perigo permanente. Insistia demais por um prédio novo, perfeitamente adequado para o Arquivo. Falava aos governos. Demonstrava que não havia espaço para a indispensável ordenação dos códices. Nem pessoal tinha. Nem também tinha o material técnico exigível para o Arquivo e que é garantia de segurança dos documentos. Mas não era o Arquivo atendido, embora recebessem o diretor muito bem.

Providência nenhuma. E ele pedia sempre. A alegada falta de verba era a resposta. Ele percebia que o que faltava aos administradores era a real compreensão do que seja um Arquivo e do papel importantíssimo que lhe cabe desempenhar... E insistia, reclamando contra o emperramento do barco, que deveria ser trocado e bem equipado, para cumprir magnífico roteiro. Capacidade de comando bem que tinha o dr. João Gomes Teixeira, mas a provisão e a atenção dependiam dos governos, que não o atendiam.

Batalhou para a construção de novo prédio, o que era a exigência número um. Foi começada a construção, mas paralisada várias vezes, para suolício dele como diretor. Mexia-se, viajava, sugeria recursos, mobilizava-se. A obra vagarosamente caminhava. Ele sempre imaginando ver algum dia o Arquivo bem instalado, podendo mobilizar-se, o que era impossível na casa acanhada em que material precioso se acumulava pelo chão, por falta de gente e espaço, reclamando classificação técnica.

Diziam que Teixeira impedia penetração de vasculhadores de documentos no Arquivo. Não era bem isso. Era seu temor de que nas procuras por estranhos, os documentos mais ainda se misturassem, mais dificultando a ordenação que teria de ser feita alguma dia, quando houvesse espaço e pessoal especializado. Quando? Isso ele não podia responder. Dependia dos governos. Das verbas...

Tinha, portanto, de ser vigilante na permissão para consultas, pois nem gente para acompanhar consulentes tinha o Arquivo.

Isso lhe ocasionou dissabores sem conta. Os estudiosos da história tinham pessoalmente de lutar para o encontro dos documentos desejados na massa deles. Muitos interessados pacientemente empreenderam essa tarefa. Teixeirão confiava em vários desses, mas não poderia confiar em todos. Anote-se haver gente que achava mais fácil rasgar página de um documento a ter o trabalho de decifrá-la e copiá-la no desconforto de um Arquivo desaparelhado para os atendimentos. Padeceu juízos injustos, sendo acoimado de trancador dos documentos a consulentes... Muitos historiadores, entretanto, que se moveram no Arquivo, e lá descobriram documentos ainda não tecnicamente organizados, sabem que Teixeira tinha de ter receios.

Mas essa situação teria um dia de mudar, pois Deus é grande e sabe o que merecia ter o nosso Arquivo...

Depois de dezenas de anos de desatenção pela sorte do Arquivo, começaria, no governo Israel Pinheiro, a construção do novo prédio. Parando algumas vezes, veio a ser terminada a construção da nova sede já no governo seguinte, de Rondon Pacheco.

Era a fase final da construção, mas não era tudo, pois o Arquivo pedia além de espaço, uma imensidade de coisas mais para cumprir sua missão.

O velho sonho de Teixeirão iria, afinal, virar realidade.

Mas o tempo é implacável. E a lei também...

João Gomes Teixeira, que sempre esperava tirar o Arquivo da longa estagnação, pedindo recursos para isso, ia vivendo... Os anos acumularam-se no seu organismo. Chegou e passou dos 70 anos de idade.

Acontece, porém, que a lei declara que, feitos 70 anos, o funcionário público terá de ser aposentado porque esta é a idade limite. Não pode o funcionário continuar, pelo risco de seus atos futuros serem anuláveis. Teve, portanto, o velho marinheiro de deixar o barco do Arquivo, por causa da idade conjugada com a lei.

Aconteceu isso no governo Rondon Pacheco, que levara a peito a causa Arquivo, com a ajuda de seu inteligente e culto secretário de governo Abílio Machado Filho, que se desvelou muito em salvar o Arquivo, mobilizando-o, como deveria ser mobilizado.

Teixeirão, já aposentado, não estava mais lá, na transformação que se operaria, com a mudança para o prédio novo e admirável e consequente provisão de recursos (negados antes dezenas de anos) para que o Arquivo Público Mineiro pudesse vitalizar, pela oferta aos estudiosos, todos os documentos que guarda. Foi a instalação no novo prédio acompanhada do provimento indispensável em pessoal e aparelhagem para que o Arquivo, ressurrecto, pudesse ser hoje citado, como o fez há dias a maior autoridade em Arquivo, que é o professor José Honório Rodrigues, “como exceção”, pela magnífica posição que tem entre os arquivos brasileiros que o mestre criticava.

Essa declaração de José Honório Rodrigues, sumo-pontífice no assunto Arquivo, foi publicada no ESTADO DE MINAS de 10 de junho, entre várias entrevistas com eminentes intelectuais brasileiros sobre Memória Nacional.

Depois do governo Rondon Pacheco, o governo de Aureliano Chaves, o de Ozanam Coelho e o atual de Francelino Pereira continuaram dando atenção desvelada ao velho Arquivo, que agora, com a transformação operada nestes últimos oito anos, se abre à cultura e aos pesquisadores, como fonte maior de documentação histórica de Minas Gerais.

Recentemente, em certa cerimônia de autógrafos, estive com o Teixeirão. Falamos sobre a nova era do Arquivo. Ouvimos dele isto: “O Arquivo está agora imponente, em casa nova, enxoval novo, com pessoal apropriado, podendo plenamente cumprir a sua missão, e foi isso que eu sempre desejei, mas não me ouviam...”

Não percebemos ressaibo de mágoa nas suas palavras, expressão da verdade, o que não quer dizer que não houvesse nele saudade da velha casa, onde passou quase a metade da existência. Tinha-a como a sua própria casa. Muitas vezes, para não afastar-se dela, Teixeira lá fazia ligeira refeição de um copo de leite em pó, que havia enlatado na prateleira de seu gabinete, e mais sanduíche que mandava buscar no botequim da esquina...

Depois que ele morreu, e repetindo o que tanto falava-se antes, dizem que ele deixou razoável fortuna proveniente de antigos bens, que soube administrar com bom tino. Não sei se isso é verdade. De bens espirituais e do coração posso afirmar que ele era um nababo.

E, como eu, quantos bem conheceram o dr. João Gomes Teixeira, o Teixeirão...

Estadia grátis para mulher de bom marido.

Neste mes de junho, a
fazendo por aí, o Rio
E o Rio Sheraton Hotel r
por um preço mais bai
de solteiro: Cr$ 1.400
manhã completo. É uma
do hotel mais rio-de-ja

Ar. Ênio

LEI Nº 3.155 DE 26 DE DEZEMBRO DE 1979

Dá a denominação de João Gomes Teixeira a uma das vias publicas da Capital.

O Povo do Municipio de Belo Horizonte, por seus representantes, decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º — Passa a denominar-se João Gomes Teixeira a Rua nº 43, do Bairro São Bento.

Art. 2º — Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.

Belo Horizonte, 26 de dezembro de 1979.

O Prefeito,

(a.) Mauricio de Freitas Teixeira Campos.

Publicado no Minas Gerais de 27 Dezembro 1979

Teixeirão, velho amigo

Tarquínio J. B. de OLIVEIRA

Chego de viagem e esbarro na tristeza. Um aviso telefônico, anotado no dia de quarta-feira, diz apenas: o dr. João Gomes Teixeira morreu. Há quase um mês não tinha notícias suas, daquele homem de ferro que a idade fez arrastar um pouco os pés, mas não a cabeça. Que fazia sua ginástica matinal em lembrança dos tempos em que as moças admiravam-lhe o monóculo e o terno de linho branco impecável, no porte espadaúdo e ágil.

Adorava política e sabia tudo da República. Cultivava os melhores clássicos franceses e colecionava notas em retalhos de papel sobre a história mineira, compulsando códices e alfarrábios.

Em mais de um quarto de século na direção do Arquivo Público Mineiro, habituara-se a uma vida espartana em que só se concedia uma liberalidade: a dos livros. Livros que amava com todo o amor de um solteirão incorrigível.

Amigo prestante e prestativo, era extremado nas afeições e desafeições. Devo-lhe uma das felicidades maiores de minha vida, ao mudar-me para Ouro Preto: decidiu que eu havia de ser o proprietário da Fazenda do Manso, achando que a fazenda e eu havíamos de nos casar em perfeita harmonia. A história do velho casarão do segundo guarda-mor do distrito das Minas Gerais dos Cataguases, hoje Ouro Preto, com o meu próprio amor à história do ciclo do ouro. Domingos da Silva Bueno, primeiro senhor do Manso, e eu, sucessor atual do marco silencioso na última etapa das bandeiras mamelucas. Quando afinal se lavrou a escritura de compra e venda, assinou ele como primeira testemunha.

Fazia tempo que nos conhecíamos. Encontramo-nos pela primeira vez no Ministério da Fazenda, vésperas de iniciar-se a restauração da Casa dos Contos e a execução de um projeto pioneiro da historiografia mundial: a microfilmagem dos acervos dispersos da Provedoria da Real Fazenda da Capitania de Minas Gerais, mais conhecido como "arquivo da Casa dos Contos", e de sua catalogação por computador. Seu entusiasmo pela novidade foi inexcedível e reclamou que o projeto se iniciasse pelo acervo do Arquivo Público Mineiro — o que realmente foi feito, embora a burocracia federal viesse posteriormente a estagnar o empreendimento ímpar de que meu filho, José Carlos Barboza de Oliveira, então Secretário de Economia e Finanças do Ministro Delfim Neto, fora o executivo.

Todas as facilidades ao alcance de Teixeirão foram abertas. A aposentadoria compulsória o apanhou nos 72 anos de idade com grande desgosto. Quando o Manso era ainda um punhado de ruínas no matagal, veio com frequência animar-me a prosseguir na restauração. À luz de lampiões, discutiu-se muita história com Cássio Lanari e Antônio Carlos Vieira Christo, e ouvimos de João Gomes Teixeira a crônica humorística de sua longa vivência política e literária.

Graças a ele, fizemos trabalho conjunto sobre o primeiro impresso de Minas Gerais (o primeiro livro feito no Brasil depois da proibição dos prelos em 1746). Tinha sempre grandes planos de historiografia, conquanto deixasse de escrever suas próprias obras para auxiliar outros pesquisadores na busca de diretrizes e documentos.

Fizemos boas viagens juntos, à cata de verificações geográficas e informes que se iam perdendo. Conhecera pessoalmente Vital Pacífico Passos, estranho talento de historiador e poeta, excelente futebolista com o nome de guerra Larite, e uma disposição traumática para o álcool e a violência. Sem que Teixeirão soubesse, Larite tivera ciúmes atrozes de sua elegância.

Levou-me à Varginha do Lourenço, onde apenas perdura a gameleira enorme sob cuja sombra Tiradentes sonhara planos de liberdade pátria. Tentamos juntos localizar a Fazenda da Paraopeba, que Alvarenga Peixoto comprara em nome do sogro e do cunhado à Real Fazenda nas proximidades de Cristiano Otoni.

Em caminho, contou-me o grande amor de sua vida — que o converteu em excêntrico solteirão pelo resto da existência. Em seu grande coração punha muito de poucas pessoas: Pedro Nava, Afonso Arinos, Campos Cristo, Paulo Pinheiro Chagas, Pedro Sales, Luís Saya, Juscelino, Arthur Bernardes, Lúcia Machado de Almeida, Maria do Carmo Nabuco de Araújo, Euclides de Figueiredo. São os que recordo das tertúlias mais recentes. Cássio Lanari e eu pertencíamos à copa e cozinha, como Henrique Alves de Minas. Não havia mortos em suas lembranças, num convívio de eterna presença.

Em sua imensa biblioteca, em meio de cujos livros tinha seu catre e mesa de trabalho, Teixeirão, o asceta, acaba de escrever seu único livro: uma grande vida. Cada um de nós representará para ele um capítulo.

Como não podia deixar de ser, morreu no Rio à porta de uma livraria. Na insaciável sede de ler, passou de seu paraíso terreno ao eterno livro, que satisfaz todas as sedes e dirime todas as dúvidas, mesmo que se converta meramente no pó da saudade.